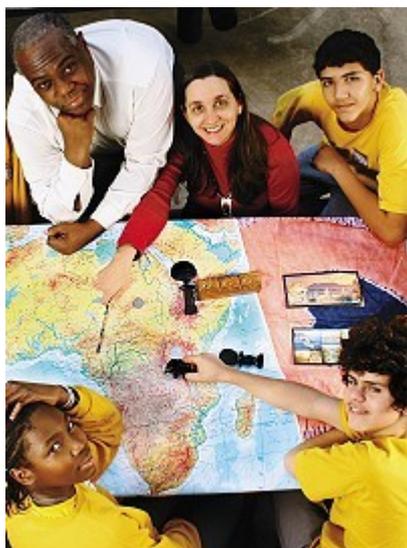


Sala de aula

ÁFRICA de todos nós

A cultura africana agora faz parte do currículo. Nesta reportagem, você vai descobrir a riqueza das ciências, da tecnologia e da história dos povos desse continente e encontrar sugestões de atividades para todas as disciplinas

 [Paola Gentile](#)



Elaine e Bruce, professores da Escola Internacional, em Barueri (SP): alunos aprendem sobre a história e a cultura dos povos africanos discutindo atualidades

Os diversos povos que habitavam o continente africano, muito antes da colonização feita pelos europeus, eram **bambambãs** em várias áreas: eles dominavam técnicas de agricultura, mineração, ourivesaria e metalurgia; usavam sistemas matemáticos elaboradíssimos para não **bagunçar** a contabilidade do comércio de mercadorias; e tinham conhecimentos de astronomia e de medicina que serviram de base para a ciência moderna. A biblioteca de Tumbuctu, em Mali, reunia mais de 20 mil livros, que ainda hoje deixariam **encabulados** muitos pesquisadores de **beca** que se dedicam aos estudos da cultura negra.

Infelizmente, a imagem que se tem da África e de seus descendentes não é relacionada com produção intelectual nem com tecnologia. Ela **descamba** para **moleques** famintos e famílias miseráveis, povos doentes e em guerra ou paisagens de **safáris** e mulheres de **cangas** coloridas. "Essas idéias distorcidas desqualificam a cultura negra e acentuam o preconceito, do qual 45% de nossa população é vítima", afirma Glória Moura, coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade de Brasília (UnB).

Negros são parte da nossa identidade

O pouco caso com a cultura africana se reflete na sala de aula. O segundo maior continente do planeta aparece em livros didáticos somente quando o tema é escravidão, deixando **capenga** a noção de diversidade de nosso povo e minimizando a importância dos afro-descendentes. Por isso, em 2003, entrou em vigor a Lei no 10.639, que tenta corrigir essa dívida, incluindo o ensino de história e cultura africanas e afro-brasileiras nas escolas. "Uma norma não muda a realidade de imediato, mas pode ser um impulso para introduzir em sala de aula um conteúdo rico em conhecimento e em valores", diz Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, membro do Conselho Nacional da Educação e

redatora do parecer que acrescentou o tema à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

A cultura africana oferece elementos relacionados a todas as áreas do conhecimento. Para Iolanda de Oliveira, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, se a escola não inclui esses conteúdos no planejamento, cada professor pode colocar um pouco de África em seu plano de ensino: "Não podemos esperar mais para virar essa página na nossa história", enfatiza. Antes de saber como usar elementos da cultura africana em cada disciplina, vamos analisar alguns aspectos da história do continente e os motivos que levaram essas culturas a serem excluídas da sala de aula. O ensino de História sempre privilegiou as civilizações que viveram em torno do Mar Mediterrâneo. O Egito estava entre elas, mas raramente é relacionado à África, tanto que, junto com outros países do norte do continente, pertence à chamada África Branca, termo que despreza os povos negros que ali viveram antes das invasões dos persas, gregos e romanos.

A pesquisadora Cileine de Lourenço, professora da Bryant University, de Rhoad Island, nos Estados Unidos, atribui ao pensamento dos colonizadores boa parte da origem do preconceito: "Eles precisavam justificar o tráfico das pessoas e a escravidão nas colônias e para isso 'animalizaram' os negros". Ela conta que, no século 16, alguns zoológicos europeus exibiam negros e indígenas em jaulas, colocando na mesma **baia** indivíduos de grupos inimigos, para que brigassem diante do público. Além disso, a Igreja na época considerava civilizado somente quem era cristão.

Uma das **balelas** sobre a escravidão é a idéia de que o processo teria sido fácil pela condição de escravos em que muitos africanos viviam em seus reinos. Essa é uma invenção que não passa de **bode** expiatório: a servidão lá acontecia após conquistas internas ou por dívidas — como em outras civilizações. Mas as pessoas não eram afastadas de sua terra ou da família nem perdiam a identidade. Muitas vezes os escravos passavam a fazer parte da família do senhor ou retomavam a liberdade quando a obrigação era quitada com trabalho. Outra mentira é que seriam povos acomodados: os negros escravizados que para cá vieram revoltaram-se contra a **chibata**, não aceitavam as regras do trabalho nas plantações, fugiam e organizavam **quilombos**.

A exploração atrapalhou o desenvolvimento

A dominação dos negros pelos europeus se deu basicamente porque a pólvora não era conhecida por aquelas **bandas** — e porque os africanos recebiam bem os estrangeiros, tanto que eles nem precisavam armar **tocais**: as famílias africanas costumavam ter em casa um quarto para receber os viajantes e com isso muitas vezes davam abrigo ao inimigo. Durante mais de 300 anos foram **acaçambados** cerca de 100 milhões de mulheres e homens jovens, retirando do continente boa parte da força de trabalho e rompendo com séculos de cultura e de civilização.

Nesta reportagem, deixamos de lado de propósito a **capoeira**, **embalada** pelo **berimbau**; a culinária, enriquecida com o **vatapá**, o **caruru** e outros **quitutes**; as influências musicais do **batuque** e a **ginga** do **samba** e dos instrumentos como **cuícas**, **atabaques** e **agogôs**. Preferimos mostrar conteúdos ligados às ciências sociais e naturais, à Matemática, à Língua Portuguesa e Estrangeira e a Artes, menos comuns em sala de aula, para você recheiar a **mochila** de conhecimentos dos alunos sobre a África.

ÁFRICA de todos nós

Geografia

A África não é um país, e sim um continente

Essa afirmação pode parecer absurda, mas não é. "Há uma tendência em falar da África como se todos que ali vivem tivessem os mesmos hábitos e tradições", diz Rafael Sânzio Araújo dos Anjos, coordenador do Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica da UnB. Ele sugere que o professor localize em mapas os diversos povos que vieram para o Brasil e as riquezas de cada região, principalmente as minas de ouro e diamantes, para a turma entender os motivos da exploração.

Ao falar sobre os diversos povos, é possível destacar as contribuições de cada um para a economia do Brasil Colônia. "Eles trouxeram para cá a melhor tecnologia dos trópicos", informa Rafael. Tanto que os donos das terras encomendavam aos mercadores mão-de-obra especializada para a atividade de seus domínios. Os alunos da 4ª série da Escola Estadual Luigino Burigotto, em Limeira (SP), ficaram espantados ao saber que a enxada, o arado e técnicas de irrigação vieram para o Brasil com os negros. A visita à Fazenda Ibicaba, do início do século 19, ilustrou esse capítulo da aula de Geografia, onde eles conheceram a casa-grande e a **senzala** construídas pelos negros escravizados.

Atualidades

Problemas existem em todo o mundo

Miséria, epidemias e guerras civis existem hoje nos diversos países da África. Mas também estão presentes em outros lugares. Elaine Lavezzo, professora de Cultura Internacional da Escola Internacional de Alphaville, em Barueri, município da Grande São Paulo, trabalha um continente por ano com os alunos de 7ª e 8ª séries. Usando notícias de jornal e livros, ela discutiu com as turmas as guerras civis em Angola e em Ruanda, a fome e a epidemia de Aids. Os alunos do Ensino Médio trabalharam com jovens de baixa renda da comunidade de Santa Terezinha, em Carapicuíba, município vizinho. Reunidos uma vez por semana, eles pesquisaram problemas comuns do Brasil e dos povos africanos e produziram um programa de rádio, em português e em inglês, que organizações não-governamentais usam em Moçambique e em Nairóbi. Ela contou com a colaboração do professor de Inglês da escola, Bruce Kevin Mack, que falou sobre a sua infância de afro-descendente em Washington, capital dos Estados Unidos, e contou curiosidades de seus antepassados.

História

A África já existia antes dos europeus

O professor do Ensino Médio Jorge Euzébio Assumpção, do Colégio Estadual Presidente Arthur da Costa e Silva, em Porto Alegre, faz questão de mostrar como o continente africano era dividido em reinos antes da chegada dos europeus ([veja infográfico animado](#)). Livros, internet e textos produzidos pelo professor são fonte para os estudantes perceberem a estrutura social e política dos diversos povos. O reino do Congo, por exemplo, era dividido em aldeias familiares, distritos e províncias e todos os governadores eram conselheiros do rei. No império de Gana, os monarcas se reuniam todos os dias com os súditos para **papear**, ouvir reclamações e tomar decisões. Essas informações são comparadas com o modo de vida do negro no nosso país, na época da escravidão, nos quilombos e nos dias de hoje.

"A tradição oral é forte nas culturas africanas, mas os povos também sabiam ler, escrever e viviam em cidades desenvolvidas", destaca Assumpção. Baseados em relatos, os alunos construíram a maquete da cidade universitária de Tumbuctu, que começou a se desenvolver a partir do ano 12.

Ciências naturais

Somos todos africanos

Há 7 milhões de anos houve a separação entre as linhagens do **macaco** e do que viria a ser o homem mais tarde. Os fósseis mais antigos de nossos ancestrais foram encontrados no Vale da Grande Fenda, formação que atravessa a Etiópia, o Quênia e a Tanzânia. Milhões de anos depois, o Homo erectus teria partido dessa região para povoar a Ásia e a Europa, onde se transformou em homem de Neanderthal. Os que continuaram na África evoluíram para a espécie sapiens, que mais uma vez migrou, dizimando ou substituindo os neandertais e os hominídeos asiáticos. E assim o planeta foi povoado.

Douglas Verrangia, biólogo e pesquisador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos, ressalta a importância de o professor mencionar isso ao abordar a evolução das espécies, esclarecendo que biologicamente todos os seres humanos são parecidos e que as pequenas diferenças físicas não interferem na capacidade intelectual: "Isso vai ajudar o aluno a desmontar o falso embasamento científico que subdividiu a humanidade em raças, no século 19, idéias que perduram até hoje".

Gislaine Mara Piran, professora de Ciências e também coordenadora pedagógica da Escola Estadual Luigino Burigotto, inclui essa discussão nas aulas para as turmas de 5ª a 8ª série durante o estudo do corpo humano e da genética: "Deixo claro que alguns povos têm mais melanina na pele em consequência da adaptação ao ambiente em que vivem". Em história das Ciências, você pode citar as contribuições dos povos africanos para a medicina e outras áreas como mostra a linha do tempo das páginas anteriores.

Matemática

Simetria, geometria e cálculo

Na Escola Municipal Arthur de Sales, em Salvador, o projeto África na Sala de Aula é interdisciplinar e faz parte do planejamento. Ao conhecer a cultura egípcia, os alunos de 2ª série da professora Nilce Maria Dantas da Gama estudam as pirâmides e os triângulos. Olhando gravuras que retratam a construção dos monumentos, eles tentam estimar a quantidade de pessoas que trabalharam na obra e de tijolos usados.

A turma da professora Carla Ferreiro de Sena estudou simetria usando alguns símbolos egípcios: "Esse conceito será importante depois, no estudo do corpo humano". Ela mostrou as figuras e pediu que todos as interpretassem. Conhecendo os diferentes significados — como pureza espiritual (unsum), solidez e perseverança (wawa aba), precisão e habilidade (nkyimu) —, eles perceberam a importância de ler imagens. No final, a turma elegeu valores como amizade, respeito e solidariedade — mais próximos deles — e criaram símbolos simétricos para eles.



Língua estrangeira

Reggae e biografias

Algumas escolas de comunidades **quilombolas** prevêm no planejamento atividades para resgatar a língua de seus ancestrais. Mas, mesmo quando o idioma a ser aprendido é o inglês ou o espanhol, é possível inserir a cultura africana e afro-descendente. Cláudia Alexandra Santos, professora de 5ª a 8ª série do Colégio Estadual Marquês de Maricá, em Salvador, leva para suas turmas letras de músicas do afro-descendente jamaicano Bob Marley e de outros cantores negros e textos em inglês sobre a vida de lideranças como os americanos Malcom X e Martin Luther King. Para Vilma Reis, coordenadora executiva do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, a introdução da cultura negra no ensino de língua estrangeira deixa o aprendizado mais próximo dos afro-descendentes.

Língua portuguesa

Palavras, lendas e heróis

Para mostrar a influência dos falares africanos no Brasil, você pode usar as palavras de origem banta destacadas nesta reportagem, apenas um **tiquinho** em centenas já incorporadas ao nosso vocabulário. Yeda Pessoa de Castro, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, sugere ainda que você leve para sala de aula lendas africanas e histórias que tratem de diversidade. A professora Zuleica Maria Bispo, da Escola Municipal de Educação Básica Antonio Stella Moruzzi, em São Carlos (SP), usa livros como Menina Bonita do Laço de Fita, de Ana Maria Machado, O Pássaro-da-Chuva, de Kersti Chaplet, e o gibi Zumbi dos Palmares (produzido em 2001 pela Editora Lake é distribuído gratuitamente) para atividades de leitura e escrita. Familiares dos alunos afro-descendentes podem ser convidados para contar histórias de sua vida, informações que serão transformadas em texto.

Artes

Na dança, nas máscaras e nos desenhos

A Escola Estadual Geraldo Melo dos Santos, em Maceió, usa elementos da cultura dos povos africanos em todas as séries: a professora Moeme Maria da Silva trabalha

conceitos de arte abstrata e geometrismo com as 6as; danças, mitos e adereços com as 7as; e máscaras com as 8as, relacionando essas produções às manifestações artísticas do continente europeu. Para Ana Lúcia Lopes, coordenadora do Núcleo de Educação do Museu Afro-Brasil, em São Paulo, o desafio é não resvalar no preconceito nem cair no encantamento do exótico: "Como a cultura dos povos africanos é pouco conhecida para nós, fica fácil se deslumbrar com o diferente e esquecer de dar valor às culturas africanas em sua essência".

Educação física

Vamos jogar iitop ou mbube-mbube?

Para a disciplina que se dedica à educação do corpo, brincadeiras que privilegiam as competições em equipe. Antônio José dos Santos, também da escola Antonio Stella Moruzzi, há um ano usa o iitop, o mbube-mbube (ou o tigre e o **impala**) e a mamba, e jogos como o yote e a mancala. Ele inicia contando a história do jogo e os valores da cultura africana presentes em cada um. [Veja como construir o kalah](#), versão do mancala e [conheça as regras dos outros jogos](#).

Quer saber mais?

Colégio Estadual Marquês de Maricá, R. Marquês de Maricá, s/n, 40310-000, Salvador, BA, tel. (71) 3244-3120

Colégio Estadual Presidente Arthur da Costa e Silva, R. Baden Powell, 409, 91110-040, Porto Alegre, RS, tel. (51) 3340-0822

Escola Estadual Geraldo Melo dos Santos, R. G, 1, quadra J6, s/n, cj. Graciliano Ramos, 53073-340, Maceió, AL, tel. (82) 3354-4343

Escola Estadual Luigino Burigotto, R. Ambrosina Henrique, 65, 13486-449, Limeira, SP, tel. (19) 3451-2643

Escola Internacional de Alphaville, Av. Copacabana, 624, 06472-001, Barueri, SP, tel. (11) 4195-6686

Escola Municipal de Educação Básica Antonio Stella Moruzzi, R. Teotônio Vilela, 501, 13568-000, São Carlos, SP, (16) 3372-5000

Escola Municipal Arthur de Sales, R. Antonio Carlos Magalhães, s/n, 41925-010, Salvador, BA, tel. (71) 3354-9438

Bibliografia

A África na Sala de Aula, Leila Leite Hernandez, 679 págs., Ed. Selo Negro, tel. (11) 3872-3322, 88,80 reais

Superando o Racismo na Escola, Kabengele Munanga (org.), 204 págs., Ed. MEC/BID/Unesco, distribuição gratuita pelo e-mail luciabraga@mec.gov.br

Exclusivo on-line

[África - Berço da humanidade e do conhecimento](#)

[Infográfico animado](#)

Programa de rádio feito pelos alunos da Escola Internacional de Alphaville: [Bloco 1](#) | [Bloco 2](#) | [Bloco 3](#)

[Relação dos centros de estudos afro-brasileiros;](#)

[Regras dos jogos usados pelo professor Antônio José dos Santos, de São Carlos;](#)

[Referências de livros, sites e filmes para você consultar e usar em sala de aula.](#)

Onde buscar informações

📍 Algumas redes de ensino — como as dos estados de Alagoas e São Paulo e da cidade de Salvador — oferecem cursos de capacitação para os professores. O MEC já formou 5 mil docentes a distância e deve reeditar no próximo ano o curso de nove módulos. "Nossa meta, a longo prazo, é que todos os cursos de licenciatura tenham esse conteúdo", informa Ricardo Henriques, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do MEC. Os núcleos de estudos afro-brasileiros existentes em 19 universidades podem fornecer material de pesquisa aos interessados, assim como as organizações não-governamentais ligadas ao movimento negro.

Alagoas

[Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de Alagoas](#) (Ufal), Campus A. C. Simões, BR 104, km 97, 57072-970, Tabuleiro dos Martins, AL, tel. (82) 3336-3885
Responsável: Moisés de Melo Santana

Amazonas

Universidade Estadual do Amazonas (UEA), Av. Djalva Batista, 3578, 69050-030, Manaus, AM, tel.: (092) 3215-5772
Responsável: [Ademar Raimundo Mauro Teixeira](#)

Brasília

Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade de Brasília (UNB), tel.: (61) 3307-2936
Responsável: [Nelson Fernando Inocêncio da Silva](#)

Bahia

[Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia](#) (UFBA), Pça. Gal. Inocêncio Galvão, 42, 40060-055, Salvador, BA, tel.: (071) 3322-8070
Responsável: [Prof. Dr. Jocélio Teles dos Santos](#)

Centro de Estudos das Populações Africanas, Indígenas e Americanas da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) -- Programa de Ações Afirmativas, R. Silveira Martins, 2555, 41195-001, Salvador, BA, tel.: (071) 3371-0107
Responsável: [Wilson Roberto Mattos](#)

Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Rod. BA 415 (Ilhéus/Itabuna), km 16, 46662-000, Ilhéus, BA, tel.: (073) 3680-5157, fax: (073) 3680-5200, [e-mail](#)

Núcleo de Referência e Estudos Afro-Brasileiros das Faculdades Integradas da Bahia (FIB), R. Xingu, 179, 41770-130, Salvador, BA, tel: (071) 2107-8294/8322, [e-mail](#)

Goiás

Programa Passagem do Meio da Universidade Federal de Goiás (UFG), Av. Universitária, 1166, Goiânia, GO, 74605-010, Caixa Postal 131, 74001-970, tels.: (62) 3251-7947 / 3209-6010 / 3521-1128/ 3251-1166

Responsável: [Joaze Bernardino Costa](#)

Maranhão

Centro de Ciências Humanas do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Av. dos Portugueses, s/n, Campus Universitário Bacanga, 65085-580, São Luiz, MA, tel.: (98) 3217-8326

Responsável: [Carlos Benedito Rodrigues da Silva](#)

Mato Grosso

Comissão para Elaboração do Programa Institucional Cores e Saberes da Universidade Estadual do Mato Grosso (Unemat), R. 13 de junho, 383, 78200-000, Caciris, MT, tels.: (065) 3221-0034

Responsável: [Paulo Alberto dos Santos Vieira](#) ou iacce@unemat.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Relações Raciais e Educação da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Av. Fernando Correa da Costa s/n, Campus

Universitário, Instituto de Educação, sala 50, 78060-900, Cuiabá, MT, tel.: (065) 3615-8000, fax: (65) 3628-1219

Responsável: [Maria Lúcia Muller](#)

Mato Grosso do Sul

Núcleo de Estudos Étnicos-Raciais Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Caixa Postal 351, Cidade Universitária de Dourados, 79804-970, Dourados, MS, tels.: (067) 411-9060 / 411-9061 / 411-9064

Responsável: Maria José de J. A. Cordeiro

Minas Gerais

Associação Brasileira de Pesquisadores Negros e Programa Ações Afirmativas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Av. Antônio Carlos, 6627, Belo Horizonte, MG, 31270-901, tel.: (031) 3223-8165,

Responsável: [Nilma Leno Gomes](#)

Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros do Centro Universitário Leste de Minas Gerais (UnilesteMG), Av. Presidente Tancredo Neves, 3500, 35170-056, Coronel Fabriciano, MG, tels.: (031) 3846-7939

Responsável: [Prof. Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos](#)

Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), Praça Liberdade s/n, Reitoria, 30140-010, Belo Horizonte, MG, tel.: (31) 3273-4611

Responsável: [Claudia Ornelina da Costa Santos](#)

Pará

[Núcleo de Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará](#) (UFPA), R. Veiga Cabral, 603, 66023-630, Belém, PA, tels.: (91) 3201-7000 / 3201-7141 / 3201-7231

Responsável: [Zélia Amador](#)

Paraná

Núcleo de Estudos Afro-Asiáticos da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Rod. Celso Garcia Cid, PR 445, Km 380, Campus Universitário, Caixa Postal 6001, 86051-990, Londrina, PR, tel.: (043) 3371-4599

Responsável: [Lúcia Helena Silva](#)

[Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Paraná](#) (UFPR), R. Gal Carneiro, 460, 1º andar, 1299, 80060-000, Curitiba, PR, tels.: (041) 3360-5000

Responsável: [Paulo Vinícius Baptista da Silva](#)

Piauí

Universidade Federal do Piauí (UFP), Campus Universitário Ministro Petronio Portella, 64049-550, Teresina, PI, tels.: (97) 215-5511 r. 511 / 215-5513 r. 513, [e-mail](#)

Rio de Janeiro

[Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira da Universidade Federal Fluminense](#) (UFF), R. Miguel de Frias, 9, 24220-008, Niterói, RJ, tels.: (021) 2629-2689 / 2629-2687

Responsável: [Iolanda de Oliveira](#)

Programa Políticas da Cor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), R. São Francisco Xavier, 524, 20550-013, Rio de Janeiro, RJ, tel.: (021) 2587-7208

Responsável: [Renato Emerson dos Santos](#)

Rio Grande do Sul

Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Faixa de Camobi, Km 9, Campus Universitário, 97105-900, Santa Maria, RS

Responsável: [Carmem Deleacil Ribeiro Nassar](#)

Santa Catarina

Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Av. Madre Benvenuta, 2007, Florianópolis, SC, 88035-001, tel.: (048) 3231-9700 / 3231-9725 / 3222-5168

Responsável: [Paulino de Jesus Cardoso](#)

Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Inter-Étnicas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Campus Universitário, 88040-900, Florianópolis, SC, tels.: (048) 3331-9242 / 3331-9243 r. 2202

Responsável: [Vânia Beatriz Monteiro da Silva](#)

São Paulo

[Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo](#) (USP), Av. Prof. Luciano Gualberto, 315, 05508-010, São Paulo, SP, tel.: (11) 3091-3704

Responsáveis: [Carlos Serrano](#) e Kabenguele Munanga

Núcleo de Ações Afirmativas, Av. Prof. Luciano Gualberto, Travessa 5, nº 374, sala 256, 05508-010, tel.: (11) 3091-3744 / 3092-9416 / 3091-3704 r. 212

Grupo de Pesquisa de Relações Raciais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), R. Monte Alegre, 984, 05014-901, São Paulo, SP, tel.: (011) 3670-8517

Responsável: [Prof. Dra. Teresinha Bernardo](#)

Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Rod. Washington Luís (SP 310), km 235, 13565-905, São Carlos, SP, tel.: (16) 3351-8111 / 3361-2081

Responsável: [Dra. Petronilha B. G. Silva](#)

Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), R. Botucatu, 740, 5º andar, 04023-062, São Paulo, SP, tel.: (011) 5549-0599, [e-mail](#)

[Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão da Universidade do Estado de São Paulo](#) (Unesp), [site alternativo](#), Rod. Araraquara /Jaú, Km 1, Caixa Postal 174, 14800-901, Araraquara, SP, tel. (16) 3301-6373

Responsável: [Dagoberto José Fonseca](#)

Referências de livros, sites e filmes

BIBLIOGRAFIA

História

A Enxada e a Lança - a África Antes dos Portugueses, Alberto da Costa e Silva, Ed. Nova Fronteira www.novafronteira.com.br

A Experiência Africana: da Pré-História aos Dias Atuais, Roland Oliver, Ed. Jorge Zahar www.zahar.com.br, 316 págs., só consulta

A Invenção do Ser Negro - Um percurso das Idéias que Naturalizaram A Inferioridade dos Negros, Gislene Aparecida dos Santos, 173 págs., Ed. Pallas www.pallaseditora.com.br, 32 reais

Ancestrais - Uma Introdução à História da África Atlântica, Mary del Priore e Renato Pinto Venâncio, 187 págs, Ed. Campus www.campus.com.br, 38 reais

Escola Plural - A Diversidade Está na Sala de Aula, Maria Nazareth Mota de Lima (org.), 118 págs., Série Fazer Valer os Direitos, vol. 3, Ed. Cortez/Ceafro/Unicef www.cortexeditora.com.br, 14 reais

História Geral da África II - África Antiga, G. Mokhtar (org.), 879 págs., Ed. Ática www.atica.com.br,

Negritude -- Usos e Sentidos, Kabengele Munanga, 88 págs., Ed. Ática www.atica.com.br, só consulta

Para entender o Negro no Brasil de Hoje - História, Realidades, Problemas e Caminhos, Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes, 254 págs. Livro do Estudante, Ed. Global www.globaleditora.com.br /Ação Educativa www.acaoeducativa.org, livro didático

Língua Portuguesa

Falares Africanos na Bahia, Yeda Pessoa de Castro, 368 págs., Ed. Topbooks, www.topbooks.com.br, só consulta

Novo Dicionário Banto do Brasil, Nei Lopes, 260 págs., Ed. Pallas www.pallaseditora.com.br, 49 reais

Arte

Dicionário de Arte Sacra e Técnicas Afro-Brasileiras, Raul Lody, 322 págs., Ed. Pallas www.pallaseditora.com.br, 53 reais

As Máscaras Africanas, Franco Monti, 154 págs., Ed. Martins Fontes www.martinsfontes.com.br, só consulta

Leitura para você e para os alunos

Leve essas histórias para a sala de aula e realize atividades de leitura e escrita. Você vai encontrar aqui livros baseados em contos africanos e enredos ilustrados com personagens negros. Analise com a turma as características dos personagens e os valores ressaltados pelos autores.

A Cor da Ternura, Geni Guimarães, 94 págs., Ed. FTD www.ftd.com.br , 17,70 reais

A Gênese Africana - Contos, Mitos e Lendas da África, Leo Frobenius e Douglas C. Fox, 238 págs., Ed. Landy www.landy.com.br , 40 reais

A Menina Transparente, Elisa Lucinda, 28 págs., Ed. Salamandra www.salamandra.com.br , 27 reais

Como as Histórias se Espalham pelo Mundo, Rogério Andrade Barbosa, 40 págs., Ed. DCL www.editoradcl.com.br , 21 reais

Ébano, Ryszard Kapuscinski, 360 págs., Cia das Letras www.companhiadasletras.com.br , 47 reais

Fica comigo, Georgina Martins, 30 págs., Ed. DCL www.editoradcl.com.br, 15 reais

Histórias da Preta, Heloísa Pires Lima, 71 págs., Ed. Cia. Das Letrinhas www.companhiadasletras.com.br, 29,50 reais

Luana, a Menina que Viu o Brasil Neném, Aroldo Macedo e Oswaldo Faustino, 48 págs., Ed. FTD www.ftd.com.br, 15,10 reais

Menina Bonita do Laço de Fita, Ana Maria Machado, 24 págs., Ed. Ática www.atica.com.br, 15,90 reais

O Espelho Dourado, Heloísa Pires Lima, 32 págs. Ed. Peirópolis www.editorapeiropolis.com.br , 25 reais

O Filho do Vento, Rogério Andrade Barbosa, 40 págs., Ed. DCL www.editoradcl.com.br, 21 reais

O Menino Fula, Amadou Hampaâte Bâ, Casa das Áfricas e Pallas Athenas, 3801-1718 casadasafricas@terra.com.br

Que Mundo Maravilhoso!, Julius Lester e Joe Cepeda, 32 págs., Ed. Brinquebook www.brinquebook.com.br , 21 reais

Tanto, tanto!, Trish Cooke, 48 págs., Ed. Ática www.atica.com.br, só consulta

FILMES

O Jardineiro Fiel (*The Constant Gardener*), Inglaterra, 2005, 129 min, Fernando Meirelles. Uma ativista inglesa é morta na África depois de desvendar um esquema fraudulento de realização de testes farmacêuticos na população carente do Quênia. Seu marido, um diplomata, resolve levar adiante as investigações.

A Batalha de Argel (*La Battaglia di Algeri*), Itália/Argélia, 1965, 117 min, Gillo Pontecorvo, Lumière

O filme retrata a revolução que houve na Argélia na década de 50, quando a população desse país lutava para se libertar dos franceses.

Entre Dois Amores (*Out of Africa*), EUA, 1985, 162 min, Sydney Pollack, Universal Pictures

Uma dinamarquesa casa-se com um amigo para ganhar o título de baronesa e vai morar na África para cuidar de uma plantação de café. O filme mostra o relacionamento dela e de outro estrangeiro com o local em que vivem.

Hotel Ruanda (*Hotel Rwanda*), Canadá/Reino Unido/Itália/África do Sul, 2004, 122 min, Terry George

A história real de um gerente de hotel que deu abrigo a cerca de 1200 refugiados durante conflitos entre as etnias hutu e tutsie, em 1994, que mataram mais de 1 milhão de pessoas naquele país.

Kiriku e a Feiticeira (*Kiriku et la Sorcière*), França/Bélgica/Luxemburgo, 1998, 71 min, direção: Michel Ocelot

Baseado em uma lenda da África Ocidental, a animação conta a história de Kiriku, um garoto pequeno, mas dons especiais, que nasceu com a missão de salvar sua aldeia da cruel feiticeira Karaba.

Malcolm X (Malcon X), EUA, 1992, 192 minutos, direção: Spike Lee

A história de um dos maiores defensores dos direitos dos negros nos Estados Unidos.

Sarafina, O Som da Liberdade (Sarafina), USA, 1993, 116 min, direção: Darrel Roodt
Na África do Sul, professora ensina jovens alunos negros a lutarem por seus direitos. Para uma aluna em especial, essas lições serão um rito de iniciação na vida adulta, na forma de uma brutal tomada de consciência a respeito da realidade que a cerca.

Um Grito de Liberdade (*Cry Freedom*), Inglaterra, 1987, 157 min, direção:
Richard Attenborough

Nos anos 70, na África do Sul do apartheid, um jornalista branco torna-se amigo de Stephen Biko, militante pelos direitos dos negros. Quando Biko é morto na prisão, o jornalista tenta divulgar a história do ativista e a crueldade do apartheid.

SITES

Casa das Áfricas www.casadasafricas.org.br Espaço cultural e de estudos sobre sociedades africanas, exposições virtuais, consulta a biblioteca especializada.

Casa de Cultura da Mulher Negra www.casadeculturadamulhernegra.org.br Artigos e notícias do movimento da mulher negra.

Fundação Cultural Palmares www.palmares.gov.br Página oficial da fundação ligada ao Governo Federal. Políticas públicas e dados sobre a população afro-descendente, comunidades quilombolas, artigos e notícias.

Geledés www.geledes.org.br Artigos, indicação de leituras e notícias do movimento negro

Mestre Didi www.mestredidi.org Informações sobre ancestralidade africana no Brasil.

Mulheres Negras www.mulheresnegras.org Artigos sobre diversidade cultural e educação, lista de pesquisadores sobre a história africana e de afro-descendentes.

Mundo Negro www.mundonegro.com.br Portal da comunidade afro-descendente, traz notícias, agenda cultural e educativa, artigos e debates.

Núcleo de Estudos Negros www.nen.org.br/index.htm Legislação, artigos e pesquisas.

Portal Afro www.portalafro.com.br Informações sobre comunidades quilombolas, religiões africanas, arte e culinária.

Faça você mesmo

Um jogo de tabuleiro que veio da África

O kalah, que simula o plantio de sementes, desenvolve a atenção e a capacidade de antecipação da criança

 **[Cristiane Marangon](#)** Consultoria Maria Carolina Villas Bôas, coordenadora da Escola Arraial das Cores, em São Paulo



Há mais de 200 jogos africanos conhecidos por mancala, que simulam uma semeadura. Eles podem ser jogados individualmente ou até por quatro pessoas e são compostos pelos mesmos tipos de peça — um tabuleiro de madeira com covas e sementes populares na África. Um deles é o kalah, que, por ter regras simples, é indicado para crianças a partir de 6 anos. A versão que você vai aprender a fazer é feita com caixa de ovos, tinta acrílica, sementes e dois potinhos plásticos.

O kalah ajuda a desenvolver a atenção e a concentração da garotada, pois uma jogada errada se transforma em vantagem para o adversário. A capacidade de antecipação é outra importante competência que os alunos adquirem. O objetivo dos competidores é acumular o maior número de sementes, mas nem sempre a melhor jogada é a que possibilita conseguir uma grande quantidade delas de uma só vez. Durante a brincadeira, os pequenos também vão ficar craques na contagem, já que precisam controlar as sementes a cada jogada.

As atividades com jogos enriquecem o seu planejamento, mas antes de incluir o kalah nas aulas é importante estudá-lo bem. Calcule, por exemplo, quanto tempo é gasto em uma partida. Depois de assimilar as regras, crie situações-problema para os estudantes, como dispor algumas peças no tabuleiro e perguntar qual é a próxima jogada.

Como fazer

Cor no tabuleiro



Corte a tampa da caixa de ovos e despreze-a. Pinte a base, que servirá de tabuleiro, com tinta acrílica. Como o material da embalagem é de fácil absorção, a secagem dura em torno de 30 minutos.

Estojo caprichado



Outra caixa de ovos pintada com tintas de diferentes cores vira uma embalagem para o jogo. Nela, você encaixa o tabuleiro de kalah e coloca as regras, escritas em papel colorido. Deixe-a em um local de fácil acesso para as crianças.

Diferentes peças



Qualquer versão de mancala é tradicionalmente jogada com sementes, mas você pode substituí-las por outros grãos ou peças. Uma opção é o feijão-branco, mostrado na foto de abertura na página ao lado, ou o grão-de-bico. É possível utilizar ainda miniaturas feitas com massa de biscoito, botões decorativos, macarrão e pedrinhas.

**Fotos Cacá Bratke/ Produção Samir Zavitoski, Assistente Susi Ramos*

Agradecimentos Alegre Art (Cubos coloridos), Castelo dos Sonhos e Trenzinho (jogos), Gato Preto (tintas)

MATERIAL NECESSÁRIO



2 caixas de ovos de 1 dúzia

Tinta acrílica de diversas cores

Pincel chato no 22

Tesoura

36 grãos de feijão-branco

2 potinhos plásticos

Regras do jogo

A cada rodada, participam duas crianças, sentadas frente a frente e tendo o tabuleiro entre elas. Cada jogador fica com um lado do tabuleiro e com um potinho à sua direita (chamado de casa de acumulação ou reservatório). São colocadas três sementes em cada cova. O primeiro jogador pega as sementes de uma delas e as redistribui, uma por cova, no sentido anti-horário. Sempre que o percurso incluir o próprio reservatório, ele deposita ali uma semente — que passa a pertencer apenas a ele. Ao passar pelo reservatório adversário, o jogador não coloca sementes. Toda vez que a última semente cair no reservatório da própria criança, ela joga de novo. Ela pode partir de qualquer cova de seu campo. Há outra maneira de se apropriar de sementes. Quando a última semente do monte que está sendo distribuído cair em uma cova vazia do próprio campo, o jogador pode pegar todas as sementes que estão na cova da frente, no campo adversário. O jogo termina quando as sementes já estiverem nos reservatórios dos jogadores ou quando não houver mais sementes no próprio campo para jogar. Vence quem acumular mais sementes.

Quer saber mais?

Escola Arraial das Cores, R. dos Macunis, 136, 05444-000, São Paulo, SP, tel. (11) 3814-0565

Bibliografia

Aprender com Jogos e Situações-Problema, Lino de Macedo, Ana Lúcia Sícoli Petty e Norimar Christie Passos, 120 págs., Ed. Artmed, tel. 0800-703-3444, 32 reais

Jogos e Atividades Matemáticas do Mundo Inteiro, Claudia Zaslavsky, 190 págs., Ed. Artmed, 42 reais

Regras do jogos

 **BRINCADEIRAS DE QUADRA**

Mbube, Mbube (ou O Leão e o Impala)



Alunos da Escola Municipal de Educação Básica Antônio Stela Moruzzi, de São Carlos jogam o Mbube, Mbube: agilidade no zigue-zague

Imbube é um dos termos do povo zulu para designar o leão, um dos predadores do impala. O jogo é um tipo de pega-pega.

Regras

Todos os jogadores formam um círculo. Dois começam a brincadeira: um será o leão; o outro, o impala. O leão deve caçar o impala em um minuto, ziguezagueando entre os outros jogadores, enquanto esses gritam *mbube, mbube*. Se o predador não conseguir pegar sua presa no tempo determinado, será eliminado e se incorpora ao círculo dos companheiros. O grupo elege um novo leão. Se o leão pega o impala, se escolhe um outro para ser o fugitivo.

Mamba



Na mamba, a importância do trabalho em equipe

A *mamba* é um tipo de serpente africana da África austral. Existem espécies verdes e negras e ambas são venenosas. A brincadeira é um tipo diferente de pega-pega.

Regras

Uma pessoa é escolhida para ser a *mamba*, que vai ser o pegador. O professor desenha no chão um quadrado de 10 metros x 10 metros (tamanho ideal para 20 crianças). Durante a brincadeira, todos os participantes devem permanecer dentro dessa demarcação, mas tentando escapar da serpente. A um sinal, o jogo começa. A mamba tenta pegar os jogadores. Quando um é pego pela serpente, deve posicionar-se atrás da *mamba*, segurando-a pela cintura ou pelos ombros. Cada participante que é tocado pela *mamba* se junta ao último do "corpo" da serpente. Dessa forma ela vai ficando cada vez mais comprida. Se um jogador sai do quadrado, deve ser eliminado do jogo. Só a criança que é a cabeça da serpente pode capturar os jogadores, mas o "corpo" da fileira que se formou deve ser usado para interceptar ou atrapalhar os fugitivos. Os jogadores não podem cruzar o corpo da serpente. A brincadeira acaba quando restar apenas um jogador sem ser pego. E recomeça com esse sendo a *mamba*.

litoti



Na mira: precisão para acertar a pilha de caixas

Material

10 a 15 caixas de papelão de diferentes tamanhos

Duas bolas de meia

Fita crepe ou giz

Regras

Divida a turma em duas equipes. Faça no chão um círculo: na parte de dentro, um grupo tentará empilhar as caixas para formar uma pirâmide. Enquanto isso, a outra, do lado de fora, tentará destruir a construção com as bolas de meia. Os membros da equipe construtora elegem um construtor, enquanto os outros membros evitam que a artilharia atinja tanto a pilha quanto o construtor, sem agarrar as bolas. Se o construtor for atingido, deixa a função para outro membro do grupo e passa para a defesa. A equipe adversária tentará recuperar a sua bola para continuar a atrapalhar a construção. O professor pode estabelecer um tempo para que as equipes atinjam seu objetivo.

JOGOS DE TABULEIRO

Yote

Esse jogo da África Ocidental tem diferentes nomes de acordo com a região do continente em que é praticado. Atualmente é um dos mais populares do Senegal e suas regras lembram o jogo de damas.

Material

1 tabuleiro quadriculado com 30 casas (6x5)

1 dado

24 peões (12 de cada tipo - podem ser usadas sementes ou pedras)

Número de jogadores

Dois

Objetivo

Eliminar os peões do adversário

Regras

A partida começa com o tabuleiro vazio. Os participantes recebem 12 peões cada. Joga-se o dado para indicar quem inicia o jogo. Cada jogador pode colocar um peão em uma casa livre ou deslocar suas peças para uma casa vazia, horizontal ou verticalmente. Para capturar um peão adversário, é preciso saltar sobre ele, também na horizontal ou na vertical. A cada peão tomado o jogador pode retirar um outro do tabuleiro. Captura-se então dois peões a cada tomada. Ganha quem no final tiver mais peões do adversário.